Justino K. Chitengue (Lil Seven Barra)

LIVRE POR FORA, PRESO POR DENTRO

Nome completo: Justino Kambundi Chitengue

Nome artístico: Lil Seven Barra

Filiação: André Chitengue e Graciana Odete

Natural de: Lobito, Província de Benguela

Data de nascimento: 17/10/2000 (Bairro 27 de Março - Zona Alta)

Sexo: Masculino

Altura: 1,75 m

Reflexão

"Nunca julgue alguém que você não conhece. Não zombe de quem passa necessidade. Não ria de quem não tem uma roupa de marca, da moda, daquelas que todo mundo usa."

Hoje, vejo muitos jovens da minha faixa etária querendo viver uma vida que não lhes pertence: ostentam, tentam parecer melhores que os outros e buscam sempre estar certos. Esta realidade me inspirou a partilhar a minha história.

Saudações

Sejam muito bem-vindos ao meu mini documentário. Aqui, vocês conhecerão um pouco sobre mim, minha origem, meus desafios e conquistas.

Índice

---

1. Introdução

Neste documentário, compartilho as minhas memórias mais marcantes: dores, perdas, lutas e descobertas. Uma jornada real, difícil e transformadora.

---

2. Minha Família (2003-2005)

Em 2003, começaram os desentendimentos entre meus pais. Minha mãe ficou profundamente

magoada com meu pai por ele não nos apoiar nem demonstrar interesse. Ele desapareceu sem deixar notícias. Naquele momento, o mundo da minha mãe desabou.

Em 2005, decidimos voltar ao Huambo, terra natal da minha mãe, onde viviam minha avó e outros familiares. Lá, adoeci gravemente. Minha avó e minha mãe percorriam quilômetros até a Cruz Vermelha em busca de tratamento e alimentação.

Mais tarde, minha mãe mudou-se para Luanda, buscando melhores condições de vida. Fiquei sob os cuidados da minha avó, Similha Cawolih.

Ainda em 2005, meu pai reapareceu em Huambo com seus irmãos, à procura da minha mãe. Quando me apresentaram a ele, senti medo. Deram 20 dólares à minha avó para comprar roupas para mim, e logo depois fui levado a Luanda pela irmã dele.

---

3. Meu Pai (2009-2011)

Em 2009, minha tia levou-me a Benguela para reencontrar meu pai. No início, tudo parecia tranquilo. Porém, em 2010, tudo mudou. Por causa do término do relacionamento com minha mãe, ele passou a me maltratar.

Sofri com a fome diariamente. Ele dizia à minha madrasta, Sra. Ana, que não me alimentasse. Mesmo assim, ela me dava comida às escondidas.

Em 2011, um colega de escola me levou ao mercado do Africano. Ali, vi crianças da minha idade ganhando dinheiro lavando carros e chamando passageiros. Comecei a matar aulas para fazer o

mesmo, buscando comida e dignidade.

Quando meu pai descobriu, em junho de 2012, explodiu em fúria. As agressões se intensificaram. Ele me acorrentava dentro de casa e me impedia de conviver com outras crianças. Meu corpo ficou cheio de feridas. Eu vivia preso e comecei a entrar em depressão.

---

4. No Meio das Ruas (2012)

Fugir de casa foi a única solução. Passei a dormir debaixo de edifícios, enfrentando frio, fome e medo. À meia-noite, a polícia fazia batidas e precisávamos fugir para não sermos levados à esquadra.

Adaptei-me à vida nas ruas: lavava carros, engraxava sapatos e até me envolvi em pequenos furtos - tudo para não passar fome.

Após nove meses, meu tio me encontrou e levou-me de volta para casa. A surra que recebi foi tão intensa que desmaiei. Minha madrasta e vizinhos intervieram e salvaram minha vida. Meu corpo estava inflamado, com o pulso torcido.

Dois meses depois, voltei para as ruas, desta vez com outra mentalidade. Em 2013, com apenas 13 anos, comecei a me questionar sobre meu propósito neste mundo.

---

5. A Música (2015-2017)

Em 2015, comecei a me interessar por música. Amigos que já faziam rap me inspiraram. Comecei copiando letras de artistas como Plutónio, Força Suprema, Toy Toy T-Rex, Paulelson e Mobbers para aprender estrutura e métrica.

Entendi que copiar não era o caminho. Em 2017, passei a escrever minhas próprias letras, baseadas na minha verdade. Nunca gostei de ostentar ou cantar sobre o que não tenho. A música se tornou minha fortaleza mental.

Em 2018, criei meu primeiro grupo: Blood Gang. Fizemos alguns lançamentos, mas o grupo não durou. Havia diferenças de visão - alguns queriam cantar sobre vivência, outros apenas ostentar.

Então fundei a Visão Noturna Records - pois só me sentia seguro à noite. Juntei-me ao Bad Mulek, um artista que vi potencial. Com ele, criei o grupo 2wenty 1ne, com o qual lancei várias músicas até 2021, quando me mudei de Benguela para Luanda. Sigo meu caminho, mas o grupo permanece: 2wenty 1ne Forever.

---

6. Conclusão

Minha história é marcada por lutas, dor, superações e conquistas. Vivi situações que tirariam a esperança de muitos, mas encontrei um novo caminho através da música.

Sou Lil Seven Barra - livre por fora, mas marcado pelas correntes que enfrentei por dentro.

Hoje, transformo dor em arte e realidade em rima.

"O passado não define quem eu sou - define o quanto lutei para chegar até aqui."

Fornecido por Lil Seven Barra.